ANO 9.º — Sexta-feira, 20 de Outubro de 1916 — (AVENÇA) — NUMERO 144

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

DIRECTOR E EDITOR
Arnaldo Ribeiro
—(*)—
PROPRIEDADE da EMPREZA

Oficina de composição, R. Direita —Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luiz de Camões—Aveiro

Redacção e Administração, Rua Direita, n.º 54

As eleições no concelho

———=(*)—=——

Ha presentemente trabalhos iniciados, combinações esboçadas tendentes á organisação da lista para a proxima eleição camararia deste concelho. Contudo deu-se já um caso que não póde passar sem o devido registo, porque ele por si só é mais uma prova provada do que aqui tantas vezes temos dito: a entrada para o democratismo da coórte da Vera-Cruz, com Barbosa de Magalhães -padre mestre—á frente, foi o golpe de misericordia dado na força e na coésão dêsse partido, não só no concelho mas no distrito, infelizmente lançado num cáos, com a desgraçada politica feita desde que á sua frente está o actual governador civil, que se não importa por absoluto com a responsabilidade e a orientação que lhe impõem as funções do seu cargo.

Entabolados entendimentos entre os dois partidos locaes—democratico e evolucionista — partidos que neste momento, num pacto leal, tem colaborado na gráve e pezadissima tarefa que a situação geral impõe, aparece aí Barbosa de Magalhães, que por sua alta recreação, **absoluta e completamente de encontro ás prescripções oficiaes do Directorio e do governo,** inicia trabalhos e propõe nomes, excluindo de tudo por uma fórma anti-politica e anti-patriotica e até ingrata, o partido veolucionista, de maneira que tal solução mais fundo vem cavar entre os proprios democraticos as dissenções, os desgostos e o desanimo que ha muito está lavrando.

Os membros dos dois partidos receberam de bom grado o nome do sr. dr. Lourenço Peixinho por nós indicado. Mas essa escolha nunca deveria alterar o que antecipadamente estava entabolado, subsistindo portanto o entendimento entre democraticos e evolucionistas. Demais, os nomes que temos ouvido como colaboradores da obra que se pretende fazer e da qual fômos os primeiros defensores e propagandistas, não correspondem ás necessidades inadiaveis e á cooperação consciencioza que se torna indispensavel na tarefa de que se vae incumbir o devotado provedor da Misericordia. O futuro presidente da Câmara precisa não só de quem o auxilie, mas daqueles que estejam á altura para, independente da exclusiva iniciativa presidencial, terem a sua propria. Precisam-se homens com a nitida compreensão da responsabilidade dos seus cargos e da grandeza da sua missão, já o dissémos e repetimos.

Entre democraticos, evolucionistas e independentes conseguir-se-ia, cremo-lo, um nucleo de cidadãos capaz de corresponder á situação.

Quem se encarrega de encaminhar as indispensaveis *démarches* nesse sentido?

Governador civil não temos; por aí anda transformado em medico da junta de reinspecções, tudo em nome da nova moralidade republicana, quando não faz as delicias dos circunstantes, executando ao piano, em Entre os Rios, as valsas estonteantes e os fadinhos... bregeiros, com o aplauso dos amantes do genero. Não temos ninguem porque ha muito tudo corre á matroca com prejuizo da terra, do concelho e do publico. Talvez o proprio indigitado para a presidencia, pezando a verdade das nossas palavras, voluntariamente se encarregue dêsse encargo. Se assim sucedesse começaria por ele o inicio dos seus serviços em prol deste abençoado torrão.

Nunca assistimos a um descalabro tamanho, resultado logico da incapacidade daqueles a quem cabe, intacta, a responsabilidade de tudo quanto de vergonhoso se está passando.

Films...

Uma adesão valiosa

Com esta epigrafe lêmos no *Mundo*:

«Filiou-se no Partido Republicano Português, em Vila Real o distinto medico sr. dr. Artur Pavão, que com proficiencia exerceu já o magisterio secundario. O sr. dr. Artur Pavão é um velho republicano, desde os bancos da Universidade, afirmando as suas faculdades de inteligencia como estudante distintissimo que foi e a sua devoção republicana como espirito avançado que sempre se manifestou. Congratulamo-nos com a adesão do sr. dr. Artur Pavão que representa mais um grande e inteligente esforço ao lado do Partido Republicano Português e saudamos o novo e distinto correligionario.»

O Povo do Norte, comentando:

«Mas, ainda não ha muitos dias que o orgão evolucionista local chamava ao sr. dr. Artur Pavão, seu dedicadissimo correligionario!... Pelo visto *desaderiu* ao evolucionismo e acaba de *aderir* ao democratismo.

Mas agora nos ocorre. Tal *adesivo* ao *afonsismo* foi ante-ontem nomeado administrador deste concelho...

Eis a questão porque o sr. Pavão...

E não é preciso pôr mais na carta... Começou a *flutuar*...

E esta?

Quando na quarta-feira regressavamos a casa depois das 22 horas ouvimos, ao atravessar a Praça Marquês de Pombal, alguem que, em copioso choro, lamentava a sua desgraça, implorando a proteção divina. Vinham dos lados do comissariado esses gritos lancinantes e por isso nos dirigimos ao civico, de guarda, que nos informou logo:

—São duas *matrizes* que a judiciaria deteve e se encontram no calabouço.

Não quizémos ouvir mais se bem que retirassemos com uma duvida: se com essas *matrizes* teriam vindo o cura e o prior...

Muito tem aprendido a policia na escola do sr. comissario!

Um busto

Trabalhado em barro e flagrante de verdade, foi recebido nesta redacção um busto de certo jornalista que *levanta o nivel* e que vai ser inaugurado no escritório apenas esteja pronto o pedestal encomendado para ele.

Ao desconhecido autor da *peça* muitos parabens e mil agradecimentos pelo mimo...

NUNCA SE VIU

O semanario republicano democratico *O Povo de Cambra*, fazendo no seu numero de 15 do corrente o relato de uma manifestação em honra do benemerito cambrense Luiz Bernardo de Almeida, termina-o com os seguintes pormenores:

. . . .

A' manifestação assistiram os ex.mos srs. dr. Eugenio Ribeiro, governador civil do distrito, coronel Braziel e capitão Augusto de Almeida, que aqui se encontravam em serviço de reinspecções.

O ex.mo sr. governador civil, dr. Eugenio Ribeiro, que é amigo do benemerito e o aprecia como nós, proferiu algumas palavras de elogio e leu um telegrama que naquela ocasião expediu para Lisboa ao ex.mo ministro do fomento. Esse telegrama era do teor seguinte:

Ex.mo ministro fomento
Lisboa

Tenho honra comunicar V. Ex.ª são este momento iniciados trabalhos construção estrada ligada Macieira Cambra com a nacional 42 a expensas benemerito Luiz Bernardo de Almeida com assistencia autoridades e povo transeunte. V. Ex.ª saudações gerais. Viva a Republica!

O governador civil,
Eugenio Ribeiro

Quando se viu um governador civil fazer parte duma junta medica de inspecção militar, quando? Que nós saibâmos nem no estertor da monarquia apezar da podridão que a derruiu por falta de gente que a servisse com honestas intenções. Contudo, sob a vigencia da Republica, o apregoado regimen da moralidade, este quadro se nos depara, tipico entre os mais tipicos da politica democratica — o sr. Eugenio Ribeiro ser ao mesmo tempo governador civil do distrito e medico da junta militar de reinspecções no mesmo distrito!

E' unico. Mas ainda a outras surprezas maiores havemos de assistir...

Conselhos

—=(*)=—

O Directorio do partido democratico, em circular enviada ás diversas colectividades partidarias e a todas as pessoas que julgou necessario e conveniente, estabelece as normas que devem orientar o partido na proxima luta eleitoral, as quaes se condensam nas seguintes formulas:

1.º—Envidar todos os seus esforços para ir ás urnas na maxima força;

2.º—Disputar, segundo as probabilidades de exito, as maiorias ou minorias, defendendo sempre, em todo o caso, o principio democratico da representação das minorias;

3.º—Não aceitar de modo algum a inclusão nas listas partidarias de nomes de cidadãos contrários ao governo ou á orientação do actual governo;

4.º — Havendo necessidade e facilidade de auxiliar algum dos actuaes partidos republicanos, só o fazer, mediante as devidas garantias, a favor daquele que colabora na *União sagrada*;

5.º—Escolher para a composição das listas, cidadãos de reconhecida boa vontade, dedicação e competencia para o desempenho dos logares para que são propostos.

Como esta circular está sendo cumprida em Aveiro, basta dizer-se que o *ilustre homem publico*, Barbosa de Magalhães, tendo vindo aí de fugida deu tal pontapé na *união sagrada*, que —coitadinha!— ainda hoje anda a esvair-se em sangue por essas ruas, não obstante as palavras consoladoras de alguns *endireitas* que a querem vêr novamente em pé e de... penacho!...

Bem dissémos nós que tinhamos pouca vergonha pela certa.

Olhem se nos enganámos.

Ministro da justiça

E' ámanhã esperado nesta cidade o sr. dr. Mesquita de Carvalho, vindo pelo *rapido* das 12,50.

Os seus correligionarios além de lhe prepararem condigna recepção, contam proporcionar-lhe alguns passeios nos intervalos das conferencias que vão ser aprazadas para nelas se tratar da questão eleitoral, cada vez mais intricada pelo desacordo entre os dois partidos da *união sagrada*.

Fazemos votos sincéros por que tudo se concilie e a paz entre... em Varsovia. .

VIDA MILITAR

—=(*)=—

Foi promovido a capitão e colocado em infanteria 13, com séde em Vila Real, o sr. Amadeu Cézar da Costa Cabral.

Bom amigo, bom republicano e bom cidadão, se o posto a que acaba de ascender nos enche de jubilo, logo vem empana-lo o facto da sua ausencia, que bastante sentimos e que os seus admiradores, no numero dos quais nos contamos, muito desejavam que se não désse, continuando Costa Cabral a sua carreira de militar brioso no regimento desta cidade, onde tem conquistado geraes simpatias e é justamente apreciado pelo seu irrepreensivel porte.

Mas se o destino manda, cumpra-se o que ele determina, na certêsa, amigo Costa Cabral, que nem por assim ser deixaremos de fazer os mais ardentes votos pelas suas felicidades.

—— Tambem foram promovidos ao mesmo posto os srs. Augusto Cézar Brochado Brandão, que de Leiria terá de passar para Estremoz, Carlos Gomes Teixeira e Manuel Nunes Geraldes, da guarnição de Aveiro, a quem enviâmos afectuosos cumprimentos.

—— O sr. major Adolfo Butler, sub-chefe do D. R. n.º 24, seguiu para Santa Combadão a assumir a chefia do D. R. n.º 35, esperando, todavia, ser em breve colocado de novo nesta cidade, onde reside ha muitos anos.

O **Democrata** *é o jornal republicano de maior tiragem e circulação e* **mais barato** *que se publica na séde do distrito de Aveiro.*

Empregos flutuantes

—=(*)=—

Voltando a tratar deste assunto, de que nos temos ocupado largamente, o *Povo de Agueda* do ultimo sábado, escreve:

Dizem-nos á ultima hora que os **ordenados flutuantes** que o sr. Francisco da Encarnação recebia pela acumulação de *quatro logares* vão desaparecer, visto imposições feitas ao sr. Governador civil por pessoas de toda a respeitabilidade e honestidade republicana.

Assim deve ser e assim se deveria ter procedido ha muito tempo, para que se não diga que o atual regimen é o herdeiro repugnante dos antigos costumes.

Ordenados flutuantes! Esta só a cabos de esquadra poderia lembrar! Isto é uma vergonha para o regimen republicano, para quem consente esses *ordenados flutuantes* e para quem recebe esses *flutuantes ordenados*.

Então um quidam qualquer pelo facto de se dizer republicano e pelo facto de ser bem apadrinhado chama a si quatro empregos, recebe deles todos os proventos e para justificação dessa pouca vergonha vem dizer-se que esses ordenados são flutuantes?!

Bem andou o nosso coléga *O Democrata*, de Aveiro, protestando e vergalhando esses abuzos. Só desta fórma o regimen poderá entrar no caminho da legalidade. Ha republicanos que lhe repugnam taes parasitas? Ha. e haja em vista a imposição, segundo nos dizem, que foi feita ao sr. governador civil para que acabe com os ordenados flutuantes oferecidos ao sr. Francisco da Encarnação.

Dizem estes bons republicanos que ordenados flutuantes ha muitos e por isso o *Democrata* levantando esta questão torna-se irritante e insubmisso.

Não haja duvida; o Arnaldo é um insubmisso republicano, e o seu jornal irrita os nervos aos da panelinha flutuante.

Porque é que o Arnaldo não consentiu que o seu jornal se transformasse em *realejo* da grei, quando para tal foi convidado? Não quiz?

Pois agora sofra as consequencias. E' insubmisso, é irritante, é máu republicano por não vêr, ouvir e calar; ámanhã será talassa perigoso. Isto é o costume dos republicanos da ultima hora e que se agacharam sob a bandeira democratica porque conheceram esse partido como o mais forte e capaz de lhes sustentar as ambições.

Ha muitos ordenados flutuantes, dizem; infelizmente para o regimen republicano, ainda ha disso.

Temo-los bem perto com dois e tres empregos; mas que fazer?

Ah! moralidade, moralidade prégada nos bons tempos da propaganda republicana!

Como tudo se esquece!

Muito nos conta, coléga, que vão acabar os *ordenados flutuantes* do feliz democratico sr. Francisco da Encarnação. Se assim fôr não é sem tempo. Porém, desconfiâmos que ainda não será desta. O sr. Encarnação é um dos membros mais cotados do partido democratico em Aveiro, trabalha atualmente na escolha

duma vereação que hade assombrar o céo, a terra, o mar e o mundo e portanto se o desgostam lá vai tudo com seiscentos diabos. Nada. O Partido Republicano Português por mais que nos digam não consentirá em tal pelo menos na presente conjuntura em que precisa trazer as suas tropas animadas... O *Povo de Agueda* está enganado. Se imposições houve com certeza que foram no sentido de conseguir mais outro emprego para o sr. Encarnação e não diminui-los.

Apostâmos?...

PELA IMPRENSA

"O Combate,,

Com o n.º 559 entrou no seu 13.º ano de existencia este bem redigido colége da Guarda que tem por director o distinto jornalista e poeta, José Augusto de Castro.

Batalhador audaz contra a reacção clerical, energico paladino da Republica e convicto entre os mais convictos defensores da humanidade sofredora, o *Combate* marca assim um logar de destaque na imprensa da provincia, que muito o honra, e nos leva a dirigir-lhe entusiasticas saudações nas quaes envolvemos o velho liberal e republicano José Augusto de Castro, de quem sômos antigos admiradores muito embora não tenhâmos a honra de pessoalmente o conhecermos.

"O Concelho de Estarreja,,

Fez tambem 15 anos. Dirigido pelo sr. Saavedra Guedes e não obstante militar em campo oposto ao nosso nem por isso deixâmos de lhe fazer a justiça de o considerarmos um jornal bem feito, felicitando-o sincéramente pelo seu aniversário.

"O Cabeceirense,,

E' um semanário do partido republicano democratico que se publica em Cabeceiras de Basto e cujo terceiro aniversário egualmente registâmos enviando-lhe os nossos cumprimentos.

"O Progresso de Alquerubim,,

Saiu no dia 5 um numero extra da extinta folha, destinado a comemorar o aniversário da morte do sr. dr. João Eduardo Nogueira e Melo, abalisado jurisconsulto.

Colaboram nele alguns individuos que mais de perto o conheciam.

"Atlantida,,

O n.º 12, que o correio nos acaba de trazer, deste rico mensario artistico, literario e social, continua a apresentar-se com distinção no meio a que é destinado, podendo os seus directores, João do Rio e João de Barros, orgulhar-se da sua iniciativa que não póde ser coroada de melhor exito. Neste numero colaboram os conhecidos escritores Jaime Magalhães Lima, F. Penteado, Albertina Berta, Alberto de Oliveira, Eduardo de Noronha, Celso Vieira, Hipolito Raposo, M. Albuquerque, Carlos Babo, André Brun, João de Alêm e Joaquim Manso. As ilustrações são primorosas, formando um soberbo conjunto.

Cada numero da *Atlantida*, avulso, custa apenas 25 centávos.

=Suspenderam a sua publicação os nossos estimaveis colégas *Patria*, importante orgão de propaganda e fomento da Africa Oriental Portuguêsa que semanalmente saía na Beira, e o *Cinco de Outubro*, de Vila Nova de Gaia.

Boa doutrina

O sr. Angelo Vaz, que tem a seu cargo a secção—*De relance*—do nosso colega portuense *A Montanha*, depois de apreciar a circular do Directorio do partido democratico sobre as eleições administrativas, que estão á bica, e á qual nos referimos noutro logar, diz muito sensatamente:

....

Resta apontar os requisitos a que devem satisfazer os candidatos ás proximas eleições administrativas.

O Directorio aconselha, muito judiciosamente, que sejam cidadãos de reconhecida boa vontade, dedicação e competencia.

Muitissimo bem.

Nós, sem querermos de modo algum, diferençar no nosso partido *cristãos novos de cristãos velhos*, acrescentariamos que as entidades que teem de proceder á escolha dos candidatos déssem o seu voto, primeiro que tudo, *aos antigos republicanos* de comprovado valor e mérito.

Eles teem para nós sempre esta grande superioridade politica e moral: *é que eram republicanos no tempo em que sê-lo representava prejuizos e sacrificios de toda a ordem e de nenhuma fórma honras e benesses.*

Afastar velhos republicanos, pô-los ingratamente de lado, olvidando o seu passado e os seus serviços, para guindar ao fastigio ilustres correligionarios de pouco tempo embora prestimosos e, sem duvida, muito estimaveis, é procedimento politico com que de modo algum concordariamos.

Na vida politica tambem devem ser respeitados os direitos de antiguidade.

Os novos adeptos da Republica e, em especial, os que antes de 5 de Outubro eram monarquicos, que dêem gradualmente as suas provas, que trabalhem, que vão ascendendo, a pouco e pouco, aos primeiros postos.

E' justo e é necessario.

E' justo porque não se conquista o bastão de marechal logo ás primeiras escaramuças; é necessario porque *pontapeando* os antigos correligionarios só se produziria uma nefasta e imoral obra de desagregação e dissolução partidaria que convém, por todos os titulos, evitar.

Leram? Pois o que se está fazendo por toda a parte é precisamente o contrario. Quem domina são os malandros, os corruptos, a frandolagem, que nada representando na monarquia veio para a Republica praticar toda a casta de imoralidades, sem que da parte dos dirigentes algum dia fossem dadas providencias tendentes a mete-la na ordem. O resultado tem-se visto e mais se hade vêr. Os republicanos fogem, retraem-se, não querem saber do que vai. As eleições não lhes despertam interesse porque os nulos continuam a medrar e ninguem se sugeita á orientação estupida de qualquer *badaméco*. Alem disso campeia infrene e com o maior descaro a devassidão politica. Não ha lei, não ha justiça, não ha sequer vislumbres de pudor. *Isto* é o que mais agrava. Convicções? Sinceridade? Patriotismo? Amor aos principios? Ora adeus! Para isso e para que a doutrina do sr. Angelo Vaz perdurasse era preciso que não houvesse tanto pulha, tanto bandalho.

Mas a Republica está cheia deles, vive com eles.

Espere-lhe pela volta...

Notas mundanas

Com sua familia regressou da Barra á magnifica vivenda que possue nas Barrócas, o sr. Manuel Marques da Silva.

✠ *Tivemos o gosto de cumprimentar nesta cidade, onde veio acompanhar ao colégio uma interessante filha que é todo o seu enlevo, o nosso velho amigo sr. João Carlos Moreira da Silva, distinto farmaceutico e secretário da administração do concelho de Mira.*

✠ *A descançar algum tempo encontra-se em Sarrazola junto da familia e dos amigos que ali possue, o sr. João Dias Gomes, activo industrial na Povoa de Santa Iría.*

✠ *Vindos de férias chegaram a esta cidade a sr.ª D. Rosalina Alves Fontes e Julio Martins de Almeida, que ha bastantes anos exercem o professorado na Escola Normal.*

✠ *Foi passar alguns dias á Costa Nova a sr.ª D. Ludovina Gamelas e Costa, presada mãe do nosso bom amigo, sr. Francisco Vieira da Costa.*

✠ *Desde ontem que, de visita aos seus, se encontra nesta cidade, o sr. Manuel Cação Gaspar, escrivão de direito no Porto.*

O açucar

No ultimo numero do *Distrito de Aveiro* vinha na terceira pagina esta local que deu no gôto a muita gente!

Que historia é essa duns tres vagons de açucar requisitados por uma certa entidade, que não tendo dinheiro para satisfazer o respectivo custo, os cedeu a determinado *figurão*, cujo nome ocultâmos por enquanto?

Tambem sabemos quem são os respectivos *sócios* nesta empreza que visa a vender aquele açucar por $42...

Vâmos indagar... e no proximo numero será tudo posto em pratos limpos.

Se se não arrependeu, deve ser interessante a narrativa do *Distrito*, tanto mais que mete personagens de linhagem aristocrata, ás quais está reservado um magnifico futuro se até lá não sobrevierem complicações que desmanchem a sociedade a que o mesmo jornal alude...

Tambem ficâmos na espectativa...

RETIRADA

Por ter sido nomeado professor da terceira disciplina da Escola Emidio Navarro, de Vizeu, segue em bréve para aquela cidade o sr. dr. João Ferreira Gomes que por esse motivo deixa uma vaga no partido evolucionista local visto que a do liceu será preenchida, segundo nos dizem, pelo sr. José Pereira Tavares, um novo com muitas aptidões para a carreira que encetou no magisterio secundario.

Em volta da guerra

Os alemães julgados por eles proprios

Desde o começo da luta ingente—provocada pela ambição desvairada e pelo espirito de banditismo da Alemanha e da Austria—em que, vae em 27 mezes, quasi todas as nações da Europa se estão degladiando, assiste o mundo inteiro, com pasmo e indignação bem manifestos, ao inaudito e hediondo desencadear do rosario estupendo de horrores quotidianamente perpetrados, ou aplaudidos pelo povo germanico.

Já na guerra franco-prussiana de 1870-71 a conducta barbara, prepotente e cruel dos exercitos alemães levantára os mais justificados protestos.

Após, porêm, 43 anos de paz e de progresso, durante os quaes, em numerosos congressos e conferencias diplomaticos, se tinham fixado os principios a observar em caso de guerra, obrigando-se as potencias signatarias dos instrumentos diplomaticos emanados dessas reuniões a cingir-se a esses principios; após 43 anos de paz e de progresso, durante os quaes a Alemanha se jactava de ter atingido um gráu inegualado, primacial, de cultura, julgava toda a gente que, se o povo germanico se visse um dia envolvido em qualquer luta armada, não voltaria a servir-se dos mesmos processos selvagens e desonrosos empregados no decorrer da guerra franco-prussiana.

Candida ilusão, que a realidade se encarregou de desfazer a breve praso!

As selvagerias da guerra de 70-71 foram, sómente, simples brincadeiras ao lado dos horrores que a Alemanha tinha em reserva para a primeira ocasião. Essa ocasião ofereceu-lha a presente conflagração, pelo proprio imperio germanico cuidadosamente preparada e criminosamente desencadeada.

E as infamias assombrosas, os horrores indiziveis, que mostram que o povo alemão, sob o verniz brilhante de uma pretensa cultura, conserva um fundo de selvageria, banditismo e ferocidade, que o torna incompativel com toda a civilisação verdadeiramente generosa e humanitaria, começaram a desenrolar-se logo no primeiro dia da guerra, iniciando-se pela torpeza inclassificavel da invasão da Belgica.

Depois a série estupenda não teve fim, semeando o horror e o espanto sobre toda a face da terra.

Cidades abrazadas, deportações de populações pacificas, saques em todas as localidades invadidas, gazes asfixiantes, monumentos de inapreciavel valor arrazados a tiro de peça, bombardeamentos de povoações abertas, pirataria submarina e aerea, massacres sistematicos de feridos inimigos, taes são, em pleno seculo XX e em contravenção flagrante dos mais solénes compromissos internacionaes e até dos mais rudimentares sentimentos de humanidade, as normas adoptadas pelo alto comando alemão, mais feroz que um bando de tigres.

A estas façanhas hediondas, da responsabilidade dos chefes, juntam-se, num somatorio pavoroso de crueldade, os atentados abjectos dos condignos soldados de taes generaes.

Roubos, violações, assassinatos, todos os crimes, bestialidades e atrocidades claramente registadas e comprovadas em dezenas de publicações oficiais dos governos dos países aliados são o pão nosso de cada dia da soldadesca das hordas germanicas.

Ora o que demonstra tudo isto, este ininterrupto cachoar de ignominias, esta fraternidade entre chefes e subordinados, entre oficiaes e soldados, na pratica dos mais odiosos atentados?

Demonstra que o povo alemão, sob o delgado verniz duma alta cultura scientifica e dum prodigioso desenvolvimento industrial, conserva, imutaveis, os repugnantes estigmas de impiedosa ferocidade e de selvagem banditismo, que logo o assinalaram, vae em dois mil anos, nas suas primeiras arremetidas contra o imperio romano.

Os horrores dessas incursões e das que se lhe seguiram, ficaram memoraveis nas paginas da historia.

Julgava-se, porêm, que a influencia da civilisação latina e do cristianismo —e convem acentuar que os povos germanicos, que, na sua louca megalomania, com tanto desprezo afectam olhar agora os povos neo-latinos, são filhos espirituaes da civilisação romana—teria conseguido domar essas sinistras tendencias ancestraes.

Pura ilusão. Ao mais leve choque, o verniz da civilisação estala, fragmenta-se, pulveriza-se e, em cada subdito do kaiser, ressurge, perante o assombro do mundo hodierno, o selvagem que Tacito descreveu, poetizando-o, na sua *Germania* e que outros classicos latinos retrataram com mais verdade, embora com muito menor brilho literario.

Todavia, a quem considerar e analizar mais atentamense o fenomeno, pouca surpreza experimentará ante a estranha metamorfose.

E' que o alemão, no intimo, foi sempre o que é hoje, que é o que era nos tempos da antiguidade.

Já Tacito, na obra acima citada e posto que fantasiando nos germanos altas virtudes e tomando a sua ferocidade á conta de nobre e coragem, os acusa de glutões e beberrões desmedidos.

Quasi volvido milenio e meio e não obstante muitos seculos de acção civilisadora do espirito latino e do cristianismo, em pleno alvorecer da Renascença, pelos fins do seculo XV e começo do XVI, continuavam, á parte uma tenue camada de civilisação, a ser os mesmos homens grosseiros, selvagens, bebados, crueis e crapulosos.

Não sômos nós quem o vae demonstrar. E' um dos deles; é o dr. Frederico de Bezold, professor da universidade de Erlangen, que poderá ser homem com muitos defeitos, mas que tem, pelo menos, uma virtude: a de falar dos seus compatriotas com meritoria franqueza.

Na colecção de historias denominada *Historia Universal de Oncken*, está actualmente saíndo á luz da publicidade um trabalho daquele professor, intitulado *Historia da Reforma Religiosa na Alemanha*.

O que, para o caso, nos interessa é o capitulo em que Bezold descreve o estado social da Alemanha nas vesperás do movimento luterano:

«O habito de devorar grandes quantidades de carne explica até certo ponto o grande consumo de especiarias; mas peor era mil vezes o abuso bestial da bebida, vicio nacional alemão e antiquissimo, que chegou ao seu cumulo entre os seculos XV e XVIII. Foi esta uma verdadeira calamidade nacional, que é impossivel querer ocultar, se quizermos formar um juizo exacto dos alemães na época da reforma religiosa. Muitos morreram pelo excesso de bebidas, e não foram poucos os que, á força do costume de se embriagarem, perderam a razão para o resto da sua vida.

«Grandes e pequenos, ricos e pobres, clerigos e leigos eram egualmente escravos de Baco. Jámais chegará a desarreigar-se este vicio no povo alemão, mas jámais tornará tambem a tomar as proporções que teve naqueles seculos.» (pag. 442 e 443).

Os restantes costumes estavam em perfeita correlação com esta monstruosa propensão para a glutonaria e para a bebedice, ainda hoje caracteristicas do povo alemão. Continuemos ouvindo o insuspeito depoimento do seu compatriota Bezold;

«A mesma grosseria e o mesmo desregramento reinavam nas relações sexuaes. Homens e mulheres banhavam-se juntos; legiões de prostitutas percorriam o país e abundavam os lupanares nas cidades. Os oradores sagrados de grande fama consideravam permitido intercalar em seus sermões expressões e ditos licenciosos; houve concelhos municipaes que, para obsequiarem os grandes personagens que visitavam as povoações, lhes pagavam as despezas das casas de prostituição... A sifilis, ou *mal francês*, como se lhe chamava, era um mal tão comum que Hutten descreveu-lhe os sintomas e metodo curativo num escrito que dedicou ao cardeal Alberto de Moguncia. Humanistas e teologos rogavam á Virgem que os preservasse deste mal; o já citado Sebastião Brant, nuns versos dedicados ao imperador Maximiliano, exprime o desejo de que ele seja isento do contagio venereo; e, quando uma vez Lutero cai doente, um medico seu amigo receia que o mal seja sifilitico.

«Tudo isto e muito mais nos referem os escritores sérios daquela época, sem contar livros como as *Memorias*, de Zimmen, e as farças e burlas de carnaval, que em tom de gracejo chegam ao ultimo limite da crapula. Com estes costumes brutaes corria parelhas uma grosseria indiscriptivel no trato, que fazia da Alemanha a verdadeira patria dos costumes rudes. A mais alta nobreza usava maneiras que hoje apenas se encontram já nas classes mais rudes e incultas; e tanto na côrte do principe como nos tribunaes, nos banquêtes e diversões dos palacios, eram correntes os ditos mais soezes. Commines refere, com indignação, que os cavaleiros do Palatinado arremessavam na côrte de Bruxelas as suas botas cobertas de lama sobre as camas preciosas, e que o imperador Frederico III abria sempre as portas a pontapés, ao passar dum aposento para outro.

«No ano de 1547 os estrangeiros que tinham acorrido a Nuremberg, onde ao tempo residia o imperador, viram um soberano alemão, o duque de Liegnitz, cambalear pelas ruas, completamente bebedo, descalço e precedido de musica. Na festa e baile que deu o conde de Sonnenberg na noite de carnaval, os cavaleiros e as damas terminaram a festa mandando trazer num balde um cão morto já pôdre e atirando uns aos outros bocados que arrancavam, danificando os vestidos e as salas.» (pag. 443).

Em seguida expõe Bezold o pessimo gosto que, como os de hoje, os alemães dos seculos XV e XVI manifestavam no vestir, e no qual *se revelava o caracter do rustico convertido em senhor; miscelanea em extremo ridicula de dissipação e riqueza recente e de barbarie inveterada;* depois descreve as relações da população rural e da nobreza feudal alemãs, relações caracterisadas por inumeros vexames, opressões e prepotencias desta sobre aquela.

Todas essas materias exigiriam, porêm, demasiado espaço e, por isso, passemos a outras, que melhor definem o caracter germanico.

A mais barbara crueldade, sentimento ainda hoje predominante no povo alemão, revelava-se, na época da reforma luterana, pelos mais execraveis

factos e, sobretudo, pelo extremo rigor das leis penaes. No Wurtemberg, diz Bezold, pag. 448, havia uma lei *que castigava com a perda dos olhos o desgraçado que, armado de bésto ou mosquete, puzesse os pés no territorio reservado para a caça do senhor, ou do soberano do país*. Mas, mais sintomatico que esta lei, que aliás tinha similares em todos os paízes de regimen feudal, é o que o mesmo historiador escreve a pag. 450 e 451:

«Outro traço repugnante daquela sociedade era que a crueldade, tão vulgar na literatura, se extendia tambem á vida pratica e á administração da justiça, cuja ferocidade desumana e cujo proceder absurdo só podia explicar-se pela ausencia completa de todo o sentimento juridico e de todo o criterio recto. A mesma barbarie com que o nobre tratava as suas vitimas, a quem despojava, mutilava ou matava nos caminhos, usava a justiça encerrando e fazendo perecer simples acusados em indignas masmorras e nos horriveis suplicios dos tormentos, e por fim no patibulo. Sem falar do que faziam os nobres com os seus infelizes prisioneiros nos castelos, as cidades adquiriram uma triste fama com as suas camaras de tormentos, e com as atrocidades que cometiam os seus verdugos nas execuções capitaes.

«Eneas Silvio critíca o rigor excessivo da justiça de Bazileia, e o alemão Courado Celtis, numa descripção entusiasta das grandezas de Nuremberg, censura com muita e louvavel franqueza esta mesma vergonha. Um escritor estrangeiro da segunda metade do seculo XVI, disse que a embriaguez e a crueldade eram os vicios nacionaes dos alemães, que por sua vez acusavam de crueis os povos neo-latinos e diziam que o direito romano havia gerado a aplicação do tormento nos processos judiciaes; mas a verdade é que, muito antes da introdução do direito e do processo juridico e criminal romanos na Alemanha, se administrava ali com desumanidade indiscritivel o que chamavam justiça, sendo castigo genuinamente alemão o vazar os olhos á vitima.

«Não ha palavras para exprimir a ferocidade com que eram castigados os infelizes habitantes do campo; uma sentença do ano de 1461 estabelece: que ao homem que tire a casca a uma arvore viva se lhe tirem as tripas para fóra do corpo, se fixe uma extremidade á arvore e se faça girar a vitima em volta daquela até que as tripas hajam coberto a parte descascada. Quem destruir um marco fronteiro seja colocado, metido numa pele de vaca ou de boi, a tres passos duma fogueira até que as chamas tenham passado tres vezes sobre o culpado (*sic*), o qual, vivo ou morto, expia assim o seu crime.

«Estes castigos, como os suplicios atrozes que, com espantosa frequencia, impunham os tribunaes do seculo XVI aos criminosos verdadeiros ou supostos, recordam a fantasia feroz das tribus selvagens mais sanguinarias. Tal era a justiça nas cidades, ao passo que fóra dos seus muros nem esta justiça havia, porque ali dominava á sua vontade a pequena nobreza, que levava a palma em materia de ferocidade. Os nobres bandoleiros não sómente se compraziam em cortar a machadadas as mãos aos infelizes a quem acabavam de roubar, senão que muitos, sobretudo no sul da Alemanha, se divertiam a castrar quantos clerigos caíam em suas mãos.»

A paginas 458, dando um ultimo retoque neste quadro de sombrios horrores, acrescenta Bezold:

«A obstinação e a rudesa daquelas gerações mostravam-se até nas familias soberanas; e, ao estudar-se o procedimento delas, desvanecem-se completamente as lendas tradicionaes de honradez e fidelidade do povo alemão e do caracter pundenoroso e reputação irrepreensivel dos principes daquela época, frases vãs que nos documentos contemporaneos se repetem com uma gravidade verdadeiramente comica.»

E', não o esqueçâmos, um alemão quem fala e, senão dos mais ilustres, pelo menos dos distintos dessa pleiade que a tão culminantes alturas tem elevado a sciencia historica na orgulhosa Germania.

Tal era o sinistro quadro que a Alemanha oferecia ao mundo nos seculos XV e XVI. Corrupção desmarcada, glutoneria e bebedice desmedidas, um barbarismo primitivo nas leis penaes, improbidade, mentira.

A crueldade do regimen penal era tamanha que um bom alemão não hesita em afirmar que *recordava a fantasia feroz das tribus selvagens mais sanguinarias!* Isto é: a Alemanha, afóra um certo verniz de civilisação, estava, intimamente, quasi no mesmo estado de nativa bestialidade em que a tinham encontrado os contemporaneos de Julio Cezar.

No lapso de 400 anos, decorrido desde a Reforma protestante até hoje, parece que progrediu qualquer coisa; externamente as modificações foram enormes e, internamente, no modo de ser moral do povo germanico, tambem algumas foram. Assim, parece que já lá não abrem ventres para enrolar entestinos em troncos de arvores; a bebedice está, tambem, levemente atenuada; e quanto á prostituição, já não são tão densas as suas legiões. E' verdade que, a julgar pelos escandalos vindos a lume nos ultímos anos, póde ser que se trate, quanto a este ultime cancro, e dado o incremento, que lá se nota, da homosexualidade, sómente duma menor procura do elemento feminino da mesma...

Na verdade, é um facto inegavel que a Alemanha tem progredido.

Mas surge uma conflagração, a massa da população corre ás armas, travam-se as titanicas lutas dos campos de batalha, incendeia os ares o flamejar da guerra...

E logo, por um irresistivel atavismo, desperta em cada alemão a fera hedionda, ainda mal adormecida, e o mundo assiste, pávido de horror e de indignação, ao desenrolar dum sudario infinito de monstruosidades, á perpetração dos maximos crimes!

E' o alemão do seculo XVI que desperta...

Raça hedionda, insanavelmente perversa, que, a bem da segurança e do repouso da humanidade, urge reduzir á impotencia.

Abonos e assistencias aos mobilisados

Havendo o maximo interesse em que as pessoas das familias das praças chamadas ao serviço militar tenham perfeito conhecimento das condições em que lhes póde ser concedida a subvenção de que trata o decreto n.º 2498 de 11 de julho ultimo, o sr. Ministro da Guerra determinou que a repartição respectiva faça dar a maior publicidade sobre o conhecimento de taes condições e de aí o pedido que recebemos para descrever quaes os documentos que devem justificar o direito que teem á mesma, bem como as quantias que lhes pódem ser abonadas.

Documentação— Requerimento dirigido ao sr. Ministro da Guerra, feito em papel selado, sendo as restantes certidões em papel sem sêlo.

Certidão passada peló registo civil ou atestado da autoridade administrativa da localidade, ácerca do grau de parentesco, e edade, quando se trate de filhos, ascendentes irmão ou irmã.

Atestado passado pela autoridade administrativa, declarando a residencia das pessoas para quem se solicita a subvenção, não deixando de indicar nesses atestados a unidade, numero e nome da praça e bem assim de que essas pessoas estavam a seu cargo exclusivo, que não teem meios alguns de subsistencia e que são incapazes de, pelo seu trabalho, os poder adquirir.

Estes documentos podem ser entregues directamente á autoridade administrativa da localidade ou á unidade a que a praça pertencer, para serem enviados á repartição de abonos e assistencia aos mobilisados.

Subvenções a abonar diariamente, segundo a tabela a que se refere o artigo 21.º do mesmo decreto;

Parentes—Mulher, Lisboa, $20; Porto, $18; Cidades e capitaes de distrito, $14; Outras localidades, $12; um filho, $10, $09, $07, $06; um filho orfão de mãe, $20, $18, $14, $12; por cada filho, do segundo ao quinto filho, $06, $06, $05, $04; pai ou mãe, $20, $18, $14, $12; pai e mãe, $30, $27, $23, $20; irmão ou irmã, $20, $18, $14, $12; por cada irmão ou irmã, do segundo ao quinto, $06, $06, $05, $04; mulher que criou ou educou o convocado desde a infancia, $20, $18, $14, $12.

Artigo 19.º—Quando as praças de pré forem chamadas ao serviço militar, nos termos do artigo 5.º (1), e permaneçam nas fileiras mais de trinta dias, ou forem convocadas para serviço de Campanha, serão concedidas subvenções diárias ás pessoas de suas familias abaixo indicadas, quando se prove que estas estavam a seu cargo exclusivo, que não tem meios alguns de subsistencia e que são incapazes de, pelo seu trabalho, os poder adquirir:

a) Mulheres;

b) Filhos de edade inferior a dezasseis anos;

c) Ascendentes que tenham mais de sessenta anos de edade;

d) Irmãos ou irmãs de edade inferior a dezasseis anos;

e) Mulher sexagenária que criou ou educou desde a infancia o militar convocado, tendo este sido exposto, orfão ou abandonado.

§ 1.º—São equiparados aos indicados nas alineas deste artigo os individuos que, tendo edade diversa, se mostrem fisicamente impossibilitados de trabalhar.

As familias dos mobilisados logo que tenham quaisquer duvidas ou reclamações a fazer, dirigir-se-hão directamente á repartição de abonos e assistencia aos mobilisados, onde serão prontamente atendidas.

(1) São as praças que forem chamadas para serviço extraordinario e aquelas que se encontram no serviço prolongado por mais de um ano, alêm das respectivas semanas de recruta, não sendo voluntarias, readmitidas ou refratarias.

LAMENTAVEL

Em Ilhavo tentou na passada quarta-feira pôr termo á existencia o sr. Antonio da Rocha Madail, filho do digno oficial do governo civil sr. Manuel Maria da Rocha Madail.

Sem querermos pormenorisar o facto diremos apenas que os motivos que levaram o simpatico rapaz a esse extremo foi o vêr contrariados os seus amores com uma menina de Coimbra por um tio desta, padre, que embirrou em não consentir o casamento.

Onde eles aparecem...

O Democrata, vende-se em Lisboa na *Tabacaria Monaco*, ao Rocio.

Ainda o almoço

O nosso presado confrade de Viana do Castélo, *A Vida Nova*, refere-se ao passado nesta cidade na tarde do dia 8, do seguinte modo:

Em Aveiro, a terra dos ovos moles e das lindas tricanas, foi oferecido no ultimo domingo um almoço politico ao sr. Conde de Agueda, antigo cacique monarquico e a quem certos republicanos teem prestado todas as atenções e finezas.

O motivo do banquête foi o Conde ter de mudar de estado por estes dias, e do que lá se passou di-lo o nosso brilhante colega aveirense *O Democrata*, em suplemento, que na quarta-feira á noite, recebemos.

O seu director, o nosso velho e vigoroso camarada Arnaldo Ribeiro, que aí tivemos o prazer de conhecer quando da visita das tricaninhas de Aveiro, fez do banquête uma ótima descripção. Ali não falta nada. O quadro está completo. O sr. Conde, a quem certos republicanos teem enchido de sa lamaléques, a dizer mal da Republica e a fazer afirmações de fé monarquica. E na assistencia, que felizmente era diminutissima, 27 convivas apenas, havia de tudo: um capitão de infanteria 24, o tesoureiro da câmara municipal, um *deputado unionista*, um professor do liceu, um chefe de conservação das Obras Publicas, um amanuense do governo civil, etc., etc.!!!

Depois de dar uma ideia exacta dos brindes trocados, *O Democrata* termina com estes periodos, que achâmos excelente arquivar na nossa gazeta:

....

Bem sabemos, seguros estâmos mesmo, que mal algum advirá para a Republica, com o que se dísse na sala das sessões da Associação Comercial, *gentilmente* cedida pela sua direcção, para nela e a pretexto dum almeço ante nupcial, se atacarem as instituições, achincalhando o regimen. Todavia registado fica tambem esse facto, assim como o de terem colaborado nas homenagens ao representante da realêsa no distrito, os *democraticos* Silva Rocha e Acacio Rosa, a quem os dirigentes desse partido passaram diploma de fidelidade, quando afinal nunca deixaram de ser aquilo que sempre teem sido—uns troca-tintas sem dignidade politica nem convicções, tão ligados andam ás suas conveniencias e inconfessaveis interesses.

....

Infelizmente, presado camarada Arnaldo Ribeiro, o que se dá em Aveiro não é caso virgem. Por toda a parte se acariciam os realistas e se desprezam os republicanos que o sabem ser e desejam ardentemente que a Republica não seja corrompida. E' que os republicanos estão segaros. Agora é preciso captar os outros—os que só pensam em encher a barriga...

Ah, bom marmeleiro!

Só?... E uma chuva de raios para purificar o ambiente, não era tão bom?...

POSTAL

O que esta semana nos foi endereçado por—*Um aveirense*—é escrito com uma letra tão incompreensivel que nem os tipografos, acostumados a tudo decifrarem, lhe pudéram meter dente.

Escreva melhor se quer.

Medicos milicianos

Por um decreto publicado ha pouco, os medicos milicianos são divididos em várias categorias:

Até á idade de 30 anos, ficam fazendo parte das tropas activas.

Dos 30 aos 40, são nomeados alferes medicos de reserva. E estes recebem a instrucção prescripta no decreto n.º 2.367 de 4 de Maio do ano corrente.

Os medicos dos 40 aos 45 anos inclusivé, serão nomeados alferes medicos de reserva territorial.

A chamada dos medicos para a mobilisação e serviço de campanha far-se-á a principiar pelos mais modernos e pela ordem das idades.

Os oficiaes medicos milicianos, poderão, querendo, fazer parte das tropas activas, até lhes pertencer o posto de coronel.

Todos os oficiaes em serviço nos hospitaes militares de 1.ª e 2.ª classes e no deposito de material sanitario, serão considerados arregimentados para todos os efeitos.

Custou a definir situações, mas sempre foi.

TEATRO AVEIRENSE

Com duas grandes enchentes, rarissimas vezes egualadas, inaugurou-se no domingo a época cinematografica no nosso teatro, que, devido á maneira como tem sido administrado nos ultimos cinco anos, acaba de sofrer sensiveis melhoramentos, colocando-o á altura de não envergonhar nem a terra nem a zelosa direcção eleita pela sociedade para tratar de tudo quanto ao mesmo diz respeito.

A plateia é agora muito mais comoda dividida apenas em cadeiras e *fauteuils*, os camarotes e frisas compuzeram-se de modo a perderem o aspecto de pobrêsa que nesses logares se notava e á sala imprime-lhe a pintura e os dourados a alegria propria duma casa destinada a divertir o publico, pelo que só louvores merecem os iniciadores de taes melhoramentos cuja necessidade se impunha e agora são patenteados com aplauso geral.

Pela nossa parte aqui expressâmos tambem a todos os membros da direcção do teatro os encomios a que não podemos furtarnos pela sua magnifica obra, só lamentando que não pudésse ter sido mais radical, segundo os desejos que Aveiro tem de possuir uma casa com dimensões superiores ás da atual.

Teimosos

—==(*)==—

Eu pensava que já tivessem acabado as novenas por este ano, mas ainda não. Não faz mal. Que havia ser de mim sem assunto para criticar? Não faço a critica pelo simples gosto de criticar, embora o assunto nada me vise directa ou indirectamente. Não trago por lá mãe ou irmãs, cuja reputação possa ficar maculada, não por acções, mas exactamente por dizerem o que não devem. Sou muito contrario a tudo o que se faz neste nosso meio de Aveiro, sem que exista em mim o espirito de contradizer. Não me encontram sempre de opinião contraria, mas encontram em mim um moralista.

Falei muito das novenasinhas em favor da moral e portanto indiretamente para bem das devotas. Não aceitaram de bom grado os conselhos e tentam dominar-me, impondo-se. Só se deve impôr quem o podér fazer; todos devemos transigir, mas ninguem deve abusar. E' interessante como as taes cultuaes se encolheram tanto. Entradas de leão, eu sei. Todos contávamos com isso, até os proprios padres. De nada me admiro se ámanhã casarem primeiro na igreja e depois no civil. As nossas leis só estão em vigor um mez ou por outra: só são cumpridas em defeza dos que mandam e sempre aplicadas por vingança. Mas, nesta ocasião em que a religião sofreu um tremendo cheque, porque não hão-de os ministros mais juntos do Senhor providenciar de modo a acredita-la de novo? Inacção da parte de todos. Já cheguei á conclusão de que nada merecemos e de que o pouco que ainda temos de bom nos deve ser tirado para que vivâmos sem rei nem roca. Chamam-lhe eles então trabalhar pela liberdade, progresso, civilisação, etc., quando afinal tudo se resume nisto: trabalhar para comer. Só há actividade quando a barriga manda.

Dissémos muito a principio em brincadeira com o *Palma* e queriamos vêr se em brincadeira tudo ia passando com aproveitamento para todos. Alguem aproveitou, embora queira tirar vingança.

Agora vâmos começar muito a sério. Não se trata só dum *Palma* apaixonado a quem estragámos o arranjinho, precisando ele agora de se servir de meios extraordinários, quando dantes se lhe metiam pela casa dentro. Com o que se passa em casa deles ou delas nada temos, mas outro tanto não acontece na casa de Deus, que é a nossa e a casa de todos. Portanto, já ficam sabendo que d'ora ávante em nada falâmos do que se passar cá por fóra em *rendez-vous* (ou um simples acaso de se encontrarem), não perdoando seja a quem fôr o que de incorrecto se passar nas igrejas. Como vêem, não é ter raiva aos padres, não é ter ciumes, não é querer acabar com a religião, como mnitos dizem, mas sim exigir tudo em o maximo de perfeição. Se querem que os prélos não chiem, não dêem ocasião a isso. Tomarem como pretexto os santos, não; porque com os santos não se brinca. Quem acredita, acredita; quem não acredita, não acredita, mas todos respeitem.

Cuidado, portanto, com as franciscanas novenasinhas, que acabaram no domingo, não vá haver motivo para mais reclamações. Pedimos ás devotas que não repitam a festa de S. Francisco. Alguem já pediu *bis*, mas não atendam. Festejem na primeira oitava, em Dezembro, a de S. Estevam, que foi proto-martir e vá...

Quim & Necas

NECROLOGÍA

Por falecimento duma irmã está de luto o conceituado negociante local e nosso presado amigo sr. Bernardo de Souza Torres, a quem acompanhâmos no seu intimo desgosto.

=Na madrugada de segunda-feira deixou de existir a mãe dos srs. padre José de Souza Marques e Jeremias de Souza Marques, com mercearia e deposito de ceriaes á entrada da cidade pela parte sul. Era uma senhora dotada de mui-

to bons sentimentos motivo porque a sua morte se tornou bastante sentida, principalmente pela pobrêsa do quem era desvelada protectora.

=Ante-ontem finou-se tambem, de repente, o sapateiro João Mendes, atribuindo-se o triste desenlace a uma adiantada lesão de que sofria.

=Na Quinta do Gato morreu com 80 anos a sr.ª Maria da Cruz Maia, estremosa mãe do sr. Manuel Simões Maia, que de Lisboa veio dizer-lhe o ultimo adeus.

A's familias em luto os nossos pêsames.

Do bacalhau

Entrou na quarta-feira a nossa barra, vindo do banco da Terra Nova, o lugre *Dolôres*, primeiro navio da praça de Aveiro que regressa da pesca do bacalhau com regular carregamento do saboroso e muito apreciado peixe.

Os outros é possivel que, como de costume, se não façam esperar, atendendo a que levantaram ferro quasi ao mesmo tempo.

Agenda de algibeira

Recebemos uma para 1917 editada pela *Tipografia Gonçalves*, de Lisboa, e que é a melhor publicação que no género se faz em todo o país. Traz grande copia de informações, todas de reconhecida utilidade, sendo o seu preço apenas de 20 cent., baratissimo, atendendo a que por esse dinheiro se fica possuindo um verdadeiro anuario em miniatura.

Agradecemos muito reconhecidos á *Tipografia Gonçalves* o exemplar com que nos brindou.

Agradecimento

Carlos Migueis Picado vem por este meio agradecer a todas as pessoas que concorreram para localisar o incendio que se manifestou em sua casa, no dia 10 do corrente, bem como tambem agradece muito penhorado os serviços prestados pelas duas companhias de bombeiros locaes.

A todos o seu reconhecimento.

Aveiro, 14 de outubro de 1916.

Carlos M. Picado

Agradecimento

João Simões Maia, Rosa da Cruz Maia e Manuel Simões Maia, veem por este meio agradecer a todas as pessoas que se dignaram acompanhar á sua ultima morada o corpo da sua chorada esposa e mãe, testemunhando-lhes o seu indelevel reconhecimento.

Quinta do Gato, 19 de Outubro de 1916.